



## **MEDIAÇÃO DA INFORMAÇÃO E A INFORMAÇÃO COMO MEDIAÇÃO DA REALIDADE: A ATUAÇÃO DOS INTERPRETANTES PARA A SIGNIFICAÇÃO**

**Alexandre Robson Martinês**

Universidade Estadual Paulista (UNESP)

[alexandre.martines@unesp.br](mailto:alexandre.martines@unesp.br)

**Valdirene Aparecida Pascoal**

Universidade Estadual Paulista (UNESP)

[valdirene.pascoal@unesp.br](mailto:valdirene.pascoal@unesp.br)

**Wilson Roberto Veronez Júnior**

Universidade Estadual Paulista (UNESP)

[wilson.veronez@unesp.br](mailto:wilson.veronez@unesp.br)

**Resumo:** No sentido geral, o ato de mediar está relacionado à intervenção de um agente que possibilita a interação de diferentes níveis de sujeitos informacionais com plataformas de acesso à informação. O uso, a transmissão, o fluxo, o acesso, a propagação da informação, somado ao direcionamento de ações para interação e para acesso, entre outros, são parte de um processo inerente à mediação da informação. O mediador, sendo profissional da informação, nessa perspectiva, tem o papel de intermediar e identificar a busca e o acesso à informação. Não atuando apenas como profissional responsável pela organização e representação da informação, mas também pelo desenvolvimento do conhecimento. Assim, o objetivo deste artigo é analisar os fundamentos teóricos da mediação da informação e relacioná-los à semiótica desenvolvida pelo filósofo estadunidense Charles Sanders Peirce. Nesse sentido, a questão que direcionou a problemática do artigo foi assim formulada: em que medida os aspectos da teoria dos interpretantes da semiótica peirceana podem contribuir para a mediação da informação? Entende-se que a teoria dos interpretantes elaborada pelo filósofo, no cerne da teoria geral dos signos, e sua concepção de pragmatismo, auxiliam na compreensão do processo cognitivo que atua na mediação da informação para a construção do conhecimento. Este artigo foi desenvolvido com base na pesquisa bibliográfica. Os materiais que deram sustentação teórica a este artigo foram recuperados em bases de dados, revistas e periódicos científicos. Foram analisados os eventos científicos: Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Ciência da Informação, Seminário em Ciência da Informação e do Encontro de Pesquisa em Informação e Mediação. Os termos pesquisados: Mediação da Informação, Semiótica Informacional; Mediação da Realidade; Interpretantes e Significação. Espera-se que a pesquisa desenvolvida ofereça arcabouço teórico para instigar reflexões acerca de processos cognitivos presentes na mediação.

**Palavras-chave:** Mediação da Informação; Semiótica peirceana; Mediação da Realidade; Teoria dos Interpretantes; Significação.

### ***MEDIATION OF INFORMATION AND INFORMATION AS MEDIATION OF REALITY: THE ROLE OF INTERPRETANTS FOR SIGNIFICATION***

**Abstract:** In the general sense, the act of mediating is related to the intervention of an agent that enables the interaction of different levels of information subjects with information access platforms. The use, transmission, flow, access, and propagation of information, together with the

direction of actions for interaction and access, among others, are part of a process inherent to information mediation. The mediator, as an information professional, in this perspective, has the role of mediating and identifying the search for and access to information. Not only acting as a professional responsible for information organization and representation, but also for knowledge development. Thus, the objective of this article is to analyze the theoretical foundations of mediation of information and relate them to the semiotics developed by the American philosopher Charles Sanders Peirce. In this sense, the question that directed the problematic of the article was formulated as follows: to what extent the aspects of the theory of interpretation of Peircean semiotics can contribute to the mediation of information? It is understood that the theory of interpretants developed by the philosopher at the heart of the general theory of signs, and his conception of pragmatism, help in understanding the cognitive process that acts in the mediation of information for knowledge construction. This article was developed based on bibliographic research. The materials that gave theoretical support to this article were retrieved from databases, magazines, and scientific journals. The following scientific events were analyzed: Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Ciência da Informação, Seminário em Ciência da Informação and Encontro de Pesquisa em Informação e Mediação. The researched terms were Mediation of Information, Information Semiotics; Mediation of Reality; Interpretants and Signification. We expect that the developed research offers a theoretical framework to instigate reflections about cognitive processes present in mediation.

**Keywords:** Mediation of Information; Peircean Semiotics; Mediation of Reality; Theory of Interpretants; Signification.

### ***MEDIACIÓN DE LA INFORMACIÓN E INFORMACIÓN COMO MEDIACIÓN DE LA REALIDAD: LA ACCIÓN DE LOS INTÉRPRETES PARA LA SIGNIFICACIÓN***

**Resumen:** En sentido general, el acto de mediar está relacionado con la intervención de un agente que permite la interacción de diferentes niveles de sujetos informativos con plataformas de acceso a la información. El uso, transmisión, flujo, acceso, propagación de la información, sumado a la dirección de las acciones para la interacción y para el acceso, entre otros, forman parte de un proceso inherente a la mediación de la información. El mediador, como profesional de la información, en esta perspectiva, tiene el papel de mediar e identificar la búsqueda y el acceso a la información. No sólo actúa como profesional responsable de la organización y representación de la información, sino también del desarrollo del conocimiento. Así, el objetivo de este artículo es analizar los fundamentos teóricos de la mediación de la información y relacionarlos con la semiótica desarrollada por el filósofo estadounidense Charles Sanders Peirce. En este sentido, la pregunta que orientó a problemática del artículo se formuló así: ¿en qué medida los aspectos de la teoría de los interpretantes de la semiótica peirceana pueden contribuir a la mediación de la información? Se entiende que la teoría de los interpretantes desarrollada por el filósofo, en el seno de la teoría general de los signos, y su concepción del pragmatismo, ayudan a comprender el proceso cognitivo que actúa en la mediación de la información para la construcción del conocimiento. Este artículo se ha elaborado a partir de una investigación bibliográfica. Los materiales que dieron soporte teórico a este artículo fueron recuperados en bases de datos, revistas y publicaciones científicas. Se analizaron los eventos científicos: Encuentro Nacional de Investigación y Posgrado en Ciencias de la Información, Seminario de Ciencias de la Información y Encuentro de Investigación sobre Información y Mediación. Términos investigados: Mediación de la información, Semiótica de la información; Mediación de la realidad; Interpretantes y significación. Se espera que la investigación desarrollada ofrezca un marco teórico para instigar reflexiones sobre los procesos cognitivos presentes en la mediación.

**Palabras clave:** Mediación de la información; Semiótica peirceana; Mediación de la realidad; Teoría de los interpretantes; Significación.

## **1 INTRODUÇÃO**

A interação humana está condicionada a dois fatores basilares: uma espécie de linguagem e a produção de informação, já que a atuação de um indivíduo em relação a outro é decorrente de uma intenção de influência e de estabilização de uma conduta. Por seu turno, quem é influenciado, é conduzido por estratégias de identificação, aproximação de experiências, compreensão das informações aplicadas e da aceitação – consciente ou inconsciente – das diretrizes apontadas, ou seja, a interferência externa na operação cognitiva de uma pessoa é consequência dos processos de interpretação e construção da significação, isto é, fatores simbólicos presentes na representação e na mediação da realidade em que uma mente está inserida, isto é, decorrente da mediação cognitiva entre indivíduo e natureza, ou ainda, indivíduo e cultura.

A informação construída e elaborada no âmbito humano se caracteriza por apresentar constantes evoluções significativas decorrentes das aplicações da linguagem, através de elementos fundamentais para representar os objetos presentes nas interações e nas intencionalidades. Esses elementos são denominados de signos. Desse modo, os diferentes tipos de signos proporcionam a ampliação da significação, seja por uma extensividade na produção sintática, seja por um aprofundamento semântico aplicado ao referente. Dessa forma, é importante evidenciar que o signo medeia a significação e que mentes humanas estão em pensamento, que caracterizam o processo de signo sobre signo.

Essas interações podem ser simples ou complexas, de fato o que amplifica a potencialidade semântica em um processo de mediação é a experiência. Sendo assim, a mediação da informação a ser executada entre as pessoas será mais eficaz diante do conhecimento evocado.

Nessa linha, entende-se a importância de sistemas informacionais para a organização e para a representação da informação a fim de armazenamento e recuperação, por conseguinte é também importante o papel do profissional responsável pela mediação para conduzir os usuários a fontes de informação precisas, objetivas, corretas e éticas.

Frente a isso, é válido destacar que não basta apresentar informações aos usuários, como um recurso de demonstração de terminologias especializadas ou conceitos, é necessário também haver a preocupação com a aprendizagem, com os gatilhos cognitivos, seja para compreender a extensão da informação, seja para correlacionar as redes

semânticas e direcionar as intencionalidades, os interdiscursos e as ideologias presentes nas interações, quer seja mediador e usuário, quer seja documento e usuário.

Sendo assim, reconhece-se na teoria da Semiótica peirceana consistentes fundamentos teóricos para se debater o papel das classes dos interpretantes e suas tricotomias, bem como os processos de verificação da informação e do conhecimento constituídos a partir da aplicação do pragmatismo peirceano.

Desse modo, é objetivo desta pesquisa analisar os fundamentos teóricos da mediação da informação e correlacioná-los à teoria da Semiótica desenvolvida por Charles Sanders Peirce a fim de verificar os desdobramentos das classes dos interpretantes e do pragmatismo presentes no processo cognitivo presente na interação, responsável pela construção do conhecimento, assim como os procedimentos para verificar a validade e legitimação dessas informações, através da aplicação do pragmatismo, como condutor e validador da atualização dos hábitos. Defende-se o pragmatismo peirceano tendo como base sua concepção de significação, como de Waal (2007, p. 18) afirma: “[...] o pragmatismo é somente um critério de significação, que estipula ser o significado de qualquer conceito nada mais do que a soma total de suas consequências práticas concebíveis [...]”. É nesse sentido, que se relaciona mediação e pragmatismo no presente artigo.

Dessa maneira, espera-se que esta pesquisa apresente construção teórico para contribuir com o entendimento sobre os processos cognitivos presentes na interação, informação e conhecimento, assim como possa ser importante para os procedimentos de interação social, valorizando as etapas de acesso à informação por parte da comunidade, isto é, dos usuários, principalmente aqueles que não são especialistas, garantindo, portanto, a inclusão informacional, além disso apresentar caminhos para ampliar as discussões acerca da Semiótica de viés peirceano no cenário da Ciência da Informação.

## 1.1 Metodologia

Este artigo foi desenvolvido com base na pesquisa bibliográfica. Para tanto, aplicou-se uma metodologia qualitativa, do tipo exploratório, à base de revisão bibliográfica, já que os procedimentos perpassam pela investigação das teorias envolvidas. Nessa perspectiva, consultaram-se trabalhos em bases de dados como Brapci, Dialnet, Scopus, Web of Science, LISA, Google Scholar, Scielo, recuperando pesquisas publicadas em português, espanhol e inglês. Foram analisados os eventos científicos: Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Ciência da Informação (ENANCIB), Seminário em Ciência da Informação (SECIN) e da *International Society for Knowledge*

*Organization* (ISKO). Tal procedimento não foi demarcado por data de publicação, efetivando-se pelos interesses temáticos. Por se tratar de um artigo de caráter qualitativo, não se enfatizou a quantificação de trabalhos recuperados nas bases de dados supracitadas, no entanto o foco da pesquisa deu prioridade a analisar os materiais que pudessem contribuir no processo de mediação e significação por parte do interpretante, ou seja, o usuário.

Frente a esse procedimento de coleta e pré-análise, destacam-se os trabalhos sobre Mediação da Informação (ALMEIDA JÚNIOR, 2009; ARRUDA; OLIVEIRA, 2017; FACHIN, 2013; GOMES, 2020; SANTOS NETO, 2019; SILVA; NUNES; CAVALCANTE, 2018). Já sobre Semiótica na Ciência da Informação (ALMEIDA, 2016; FRIEDMAN; TELLEFSEN, 2011; IZQUIERDO ARROYO, 1990; IZQUIERDO ALONSO, 2000; LARA, 1993; MOURA, 2006) e Semiótica (IBRI, 1992, 2020; PEIRCE, 1966, 1983; SANTAELLA, 2004, 2008; SANTAELLA; NOTH, 2017; SILVEIRA, 2007). Por conseguinte, a análise se realizou fundamentando-se nos conceitos (Mediação da Informação, Mediação da Informação Implícita, Mediação da Informação Explícita, Mediação da Realidade, Teoria dos Interpretantes e dos Significados), sob os quais foi possível realizar a interpretação e construir as inferências.

A estratégia de pesquisa foi desenvolvida da seguinte forma: a) levantamento, recuperação e análise dos materiais nas bases de dados; b) identificação dos materiais que tratavam da temática mediação da informação, mediação da realidade, interpretantes e significação; c) Os temas foram: Mediação da Informação; semiótica peirceana; Mediação da Realidade; Teoria dos Interpretantes; Significação.

## **2 MEDIAÇÃO DA INFORMAÇÃO**

Com base na literatura especializada, constata-se que a mediação da informação é um procedimento amplo e complexo, marcado pela interação de vários vetores, como sistemas de informação, objetos informacionais, profissionais da informação e usuários, além disso dialoga com sistemas de organização do conhecimento, já que a mediação da informação está presente em diversos contextos, como atividades culturais e educativas, processamento técnico, atividades de catalogação, organização e classificação e, por seu turno, nas unidades de informação<sup>1</sup>.

Devido a isso, torna-se importante destacar as características conceptivas da mediação, pois seus pressupostos emanam de uma interação, a qual se estabelece a partir

---

<sup>1</sup> Arquivos, Bibliotecas, Centro de Informação/Documentação e Museus.

de intencionalidades discursivas e informacionais. Para Japiassu e Marcondes (2001, p. 127), a mediação:

Em um sentido genérico, ação de relacionar duas ou mais coisas, de servir de intermediário ou "ponte", de permitir a passagem de uma coisa a outra. 2. Na tradição filosófica clássica, a noção de mediação liga-se ao problema da necessidade de explicar a relação entre duas coisas, sobretudo entre duas naturezas distintas, p.ex., o mundo sensível e o mundo inteligível, em Platão; Deus e o homem, na escolástica; o corpo e a alma, em Descartes. 3. Na lógica aristotélica, o termo médio é aquele que realiza no silogismo uma função de mediação entre os outros termos das premissas, permitindo que se chegue à conclusão. 4. Na dialética hegeliana, e posteriormente na marxista, a mediação representa especificamente as relações concretas — e não meramente formais — que se estabelecem no real, e as articulações que constituem o próprio processo dialético.

A mediação, de acordo com Arruda e Oliveira (2017, p. 219) parece ter sido primeiramente usada na área jurídica, aplicando-se à intervenção de um juiz ou mediador para resolver conflitos; e, na Educação, sobretudo com Vygotsky e Paulo Freire. Nos dias atuais, muitas outras áreas do conhecimento utilizam-na, ainda que, num primeiro momento, sem aprofundamentos teóricos, como tem sido observado na Biblioteconomia e Ciência da Informação, em que se entende a mediação como a ação desenvolvida na relação usuário - informação.

Segundo Almeida Júnior e Santos Neto (2014, p. 100), “pensa-se mediação no sentido de ponte, ou ainda mais especificamente, como objeto estático, concreto, onde este objeto fizesse papel apenas de transmitir de um lado para o outro uma mensagem/informação”. Assim, permite a relação entre dois pontos que, de alguma forma, estão impedidos de interagir por obstáculos e empecilhos.

De fato, segundo os autores, “a mediação só ocorre quando há interferência de alguém, este que interfere é denominado como mediador. É simples entendermos como um mediador pode facilitar conversas e acordos” (ALMEIDA JÚNIOR; SANTOS NETO, 2014, p. 100). Desse modo, a imagem da ponte parece-nos inapropriada, uma vez que apresenta a concepção de algo estático, que leva alguma coisa de um ponto A a um ponto B, sendo estes predeterminados e fixos, e sem interferir no trajeto, no modo de caminhar e no final do percurso (ALMEIDA JÚNIOR, 2009). Logo, a presença do profissional da informação é imprescindível no processo de mediação, ou seja, em que ocorre a interação entre usuário, sujeito mediador e instituição mediadora.

Metaforicamente, a ideia de ponte dá lugar à presença de um sujeito (profissional da informação) que medeia/conduz o processo de intervenção ou interferência na busca e acesso ao conhecimento produzido pela sociedade. Porém, este sujeito não necessita ser

precisamente um profissional da informação, pois a mediação pode ser realizada por meio de elementos e fenômenos da natureza, e que prescinde estritamente da ação humana.

Nessa continuidade, Almeida Júnior (2009, p. 93), defende que a mediação da informação é

[...] toda ação de interferência – realizada pelo profissional da informação –, direta ou indireta; consciente ou inconsciente; singular ou plural; individual ou coletiva; que propicia a apropriação de informação que satisfaça, plena ou parcialmente, uma necessidade informacional.

Para Almeida Júnior (2009, p. 94), a noção de neutralidade, tanto do mediador como do processo de mediação, torna-se claramente inadequada e o momento da relação/interação profissional da informação x usuário é estruturado não como algo estanque e fracionado no tempo, mas envolvendo os personagens como um todo, os conhecimentos conscientes e inconscientes e o entorno social, político, econômico e cultural em que estão imersos.

A mediação da informação é um processo histórico-social. A mediação implícita, ocorre nos espaços dos equipamentos informacionais em que as ações são desenvolvidas sem a presença física e imediata dos usuários. Nesses espaços, como já observado, estão a seleção, o armazenamento e o processamento da informação (ALMEIDA JÚNIOR, 2009).

Segundo Silva, Nunes e Cavalcante (2018, p. 38),

Almeida Júnior traz para a Ciência da Informação a noção de mediação enquanto processo dinâmico, oferecendo base para o entendimento do serviço de referência, no qual as interações entre o profissional, os usuários e os materiais informacionais ocorrem, deixando claro que o encontro entre esses três elementos e o caminho da informação não se configura como algo estanque, mas com um fluxo intenso não unidirecional, no qual a mediação ocorre.

A mediação explícita, por seu lado, ocorre nos espaços em que a presença do usuário é inevitável, é condição *essencial* para sua existência, mesmo que tal presença não seja física, como, por exemplo, nos acessos à distância em que não é solicitada a interferência concreta e presencial do profissional da informação (ALMEIDA JÚNIOR, 2009; SILVA; NUNES; CAVALCANTE, 2018).

Considerando as mais diversas formas de mediação da informação, Jovanovich e Cavalcante (2020) dizem que, muitas vezes, o compartilhar tem caráter mediador, pois um indivíduo que compartilha informações para uma rede pode estar mediando informação implícita ou explicitamente. Numa perspectiva genérica, a mediação acontece quando um elemento é intercalado entre sujeitos e/ou ações diversas (JOVANOVIH; CAVALCANTE, 2020, p. 50).

Gomes (2020), ao tratar da mediação da informação, destaca aspectos muito importantes para abordar o tema no contexto da Ciência da Informação, isto é, dimensões lógica, estética, formativa, ética e política. Além disso, a autora entende que a mediação é elemento fundante para o protagonismo social.

Segundo Fachin (2013, p. 27), a mediação entre o usuário e a informação, com a finalidade de auxiliar na recuperação e de minimizar o tempo para a obtenção da informação, visa também maximizar o potencial da recuperação da informação relevante para o efetivo uso pelo usuário, concretizando o objetivo dos estoques informacionais.

A primeira percepção de um objeto é imediata. Sendo assim, este só terá algum significado a partir da mediação, momento em que há a superação e negação, em um contexto específico e concreto (SILVA, NUNES; CAVALCANTE, 2018).

Na seção a seguir, serão discutidos aspectos conceituais acerca dos interpretantes e do pragmatismo peirceano no processo de significação por parte dos interpretantes, isto é, como se atualizam os estágios de significação, de hábito e de conduta que podem afetar a interação entre os profissionais da informação e os usuários.

### **3 INTERPRETANTES E PRAGMATISMO**

Ao retomar as raízes epistemológicas do conceito de informação, Gonzalez, Nascimento e Haselager (2004, p. 2) afirmam que podemos compreender “[...] o termo informação em relação a um movimento que se desenvolve, através do tempo, rumo ao estabelecimento de algo ainda em formação”. Tal movimento pode ser entendido como um convite para a ação. É nesse contexto, ao analisar a mediação da informação, que a semiótica peirceana pode ser inserida. A teoria dos interpretantes, fundamentada no cerne da teoria geral dos signos, indica os efeitos que um signo produz na mente de um intérprete, isto é, como a transmissão de uma forma ou objeto (podendo ser ou não informação) influencia e direciona uma ação.

Bem como a teoria dos interpretantes, o pragmatismo peirceano, não pode ser apenas fundamentado em um teoria da significação com consequência práticas, ou seja, Peirce (1983, p. 8) se refere a teoria do pragmatismo como um método de aplicação do critério pragmático de significação ao conceito de verdade. Ou seja, não é o conceito que leva a prática, mas a prática exercida no âmbito real que promove significação ao conceito. Ao expandir tal teoria para a mediação da informação, compreende-se que o pragmatismo pode auxiliar no entendimento da significação do processo de verdade e ação que estão presentes na transmissão da informação.

A teoria dos interpretantes, desenvolvida por Charles Sanders Peirce, faz parte de um amplo arcabouço teórico que conceitua os signos e seu universo de interação e ação. Um interpretante é o terceiro correlato da cadeia sógnica, constituída por *representamen*, objeto e interpretante, a interação entre esses correlatos forma um signo. Um signo, de maneira geral, é “[...] tudo aquilo que representa algo para alguém em algum aspecto ou capacidade [...]” (PEIRCE, 1897, CP 2.228). Tal representação se efetiva na transmissão da forma de um objeto para um interpretante. Muitas definições sobre o signo são encontradas nos escritos de Peirce, no entanto, a definição a seguir pode auxiliar na compreensão desse conceito tão complexo:

Basta dizer que um signo procura representar, em parte pelo menos, um objeto que é, portanto, num certo sentido, a causa ou determinante do signo, mesmo se o signo representar seu objeto falsamente. Mas dizer que ele representa seu objeto implica que ele afete uma mente, de tal modo que, de certa maneira, determine naquela mente algo que é mediatamente devido ao objeto. Aquela determinação cuja causa imediata, ou determinante, é o signo, e cuja causa mediata é o objeto, pode ser chamada de interpretante (PEIRCE, 1909, CP 6.347).

O processo relacional que se cria na mente de um intérprete é um interpretante. A mediação que acontece entre *representamen* e objeto produz um interpretante. Essa mediação é responsável por direcionar uma ação, seja mental ou física. A filosofia triádica de Peirce aprofunda a compreensão desse signo nomeado interpretante e inicialmente é ramificado em: interpretante imediato, interpretante dinâmico e interpretante final. Seguindo a mesma lógica, três etapas são necessárias para que um processo de interpretação aconteça. Assim, o efeito que um interpretante causa em um intérprete, pode ser subdividido em interpretantes emocionais, energéticos e lógicos.

O primeiro nível do interpretante é nomeado imediato e corresponde ao “interpretante dentro do signo”, segundo Santaella (2017, p. 24). Peirce identifica o interpretante imediato como sendo: “[...] o efeito não analisado total que se calcula que um signo produzirá ou naturalmente poderia se esperar que produzisse, o efeito que o signo produz primeiro ou pode produzir sobre uma mente, sem nenhuma reflexão sobre ele mesmo”. (CP 8.315, 1897, tradução de Santaella).

De acordo com Silveira (2007, p. 49), o segundo nível do interpretante é nomeado dinâmico e é considerado por Peirce: “[...] o interpretante que se estabelecerá como um signo que de fato interpretará o signo”. É o signo que produz um efeito efetivo no intérprete. Embora haja uma ampla discussão sobre como os interpretantes se subdividem, de acordo com o posicionamento de Santaella (2017, p. 24) o interpretante dinâmico se ramifica em: emocional, energético e lógico.

O último segmento do interpretante, o interpretante final, por sua vez, relaciona-se à terceiridade, à categoria do hábito e da lei; Peirce caracteriza o interpretante final como um produto interpretativo, pois sua existência compreende signo, objeto e o próprio interpretante. O interpretante final é a busca, o resultado que o pragmatismo almeja. Conceito essencial para o entendimento desse interpretante é o de semiose, a ação do signo, de finalidade contínua. O interpretante final é o objetivo que guia uma conduta, nem sempre alcançável. Santaella (2008, p. 74) salienta que: “‘Final’ aparece como um limite ideal, aproximável na infinidade da continuidade, mas inatingível para quais os interpretantes dinâmicos tendem”. Nesse sentido, o interpretante final é o ideal que orienta a conduta.

Nessa linha, a conceituação de hábito, proposta por Peirce, é fundamentada na sua teoria dos interpretantes. Como já mencionado, o interpretante é um signo de progressão ao infinito, principalmente por seguir a fundamentação de causa final aristotélica, um padrão, uma norma, que inspira uma ação. Embora exista uma infinidade de controvérsias entre os estudiosos de Peirce acerca dos desdobramentos do interpretante, alguns defendem que o interpretante se ramifica condicionalmente entre emocional, energético e lógico a partir do interpretante imediato, dinâmico e final, outros defendem subseções mais específicas, reitera-se nesse artigo a subdivisão do interpretante dinâmico em: imediato, dinâmico e lógico. Em 1907, o filósofo pontua:

Agora é necessário salientar que existem três tipos de interpretantes. Nossas categorias as sugerem, e a sugestão é confirmada por um exame cuidadoso. Eu os chamo de Interpretantes Emocionais, Energéticos e Lógicos. Consistem respectivamente em sentimentos, em esforços e em mudanças de hábitos. (PEIRCE, 1907, MS [R] 318: p. 43-45 *apud* WEST, 2020, p. 154).

O interpretante dinâmico, nomeado por Peirce (1909, CP 8.315) de “efeito efetivo na mente de um intérprete”, corresponde a categoria da secundidade, do real, de todo fenômeno existente no aqui e agora. Como afirma Santaella (2004), o interpretante dinâmico é o fato, a experiência, o empírico que afeta o intérprete, é o interpretante responsável pelo entendimento dos resultados alicerçados aos fatos do processo interpretativo produzido pelo signo. Dessa forma, assume-se, neste artigo, que apesar da falta de consenso acerca das ramificações do interpretante, que o interpretante fundamentado na secundidade, no real, no factual, é responsável pela geração de signos que produzem reações emocionais, energéticas e lógicas. Santaella afirma que:

Se o interpretante dinâmico é “aquilo que é experienciado em cada ato de interpretação”, se ele é o efeito efetivamente produzido na mente de intérpretes situados, então esse efeito pode ser de três níveis: o emocional, o energético e o lógico. Esses três tipos de interpretantes dizem respeito, portanto, aos efeitos significados do signo, isto é, àquilo que o signo efetivamente produz ao encontrar uma mente interpretadora. (SANTAELLA, 2004, p. 79).

Peirce argumenta que o efeito emocional do interpretante do signo é o primeiro sentimento de uma mente interpretadora ao se deparar com a forma do objeto do signo sendo transmitida; é um efeito muito imediato, instantâneo, quase irreconhecível. Embora haja um sentimento de familiaridade, ele pode facilmente passar despercebido, no entanto, por ser a primeira interpretação, é o significado mais evidente que um signo pode vir a ter.

Silveira (2007, p. 52) inspirado em Peirce afirma que o interpretante emocional “terá a natureza de um sentimento, sendo que um signo somente poderá determinar esse tipo de interpretante, mas sempre deverá determinar esse tipo, para determinar os outros dois”. Dessa forma, a reação desencadeada pelo interpretante energético está tomada pelo interpretante emocional, bem como o interpretante lógico está imbuído de interpretante emocional e energético. Nas palavras de Peirce, o interpretante emocional é:

[...] o primeiro efeito significativo próprio do signo é um sentimento, produzido por ele. Há quase sempre um sentimento que interpretamos como evidência de que compreendemos o efeito próprio do signo, embora o fundamento de verdade nisso seja frequentemente muito pequeno. Esse "interpretante emocional", como o chamo, pode significar muito mais do que um sentimento de reconhecimento; e em alguns casos é o único efeito de significado próprio que o signo produz. (PEIRCE, 1906, CP 5.475).

O interpretante energético é o interpretante que determina uma ação. A sua existência depende do interpretante emocional, que ao se deparar com a realidade, com a alteridade e o confronto, choca-se e exige que uma ação seja realizada. Silveira (2007) nomeia a ação desencadeada pelo interpretante energético de “A interação dos contrários”, justamente por caracterizar situações em que o intérprete se depara com fenômenos desafiantes e assustadores que exigem uma resposta ativa e direta. Donna West (2020) considera que para Peirce o interpretante energético está mais alinhado à secundidade, pois essa categoria liga-se à interação, que acontece entre os fatos do mundo com os efeitos provocados na mente de um intérprete e, dessa forma, suscita conflitos quando novos fatos são apresentados, ou seja, ego e alteridade, velhas crenças e ações recém realizadas. Peirce retoma uma história antiga que aconteceu com seu irmão, para

exemplificar como o interpretante energético é combustível da ação e ao mesmo tempo é responsável pelo desenvolvimento de hábitos:

Lembro-me muito bem quando era um garoto e meu irmão Hebert, agora nosso ministro em Christiana, não era nada mais do que uma criança, que um dia, quando toda família estava à mesa, algo emanado de uma chama ou de um prato quente pingou no vestido de musselina de uma das senhoras e incendiou-o; e quão instantaneamente meu irmão saltou, fez o que tinha que ser feito e com habilidade cada movimento adaptou-se ao que se propunha fazer. Perguntei mais tarde a ele sobre isso, ele me disse que desde o falecimento da senhora Longfellow, ele sempre revolveia em sua imaginação todos os detalhes do que deveria ser feito em uma tal emergência. Este é um exemplo contundente de um hábito real produzido por exercícios na imaginação (PEIRCE, 1906, CP 5.487, tradução de SILVEIRA, 2007, p. 53).

O exemplo mencionado auxilia na noção de um hábito desenvolvido por um interpretante lógico, que também possui características de interpretantes energéticos e emocionais. O interpretante lógico é o efeito total ou final de um signo, pois abrange elementos de primeiridade, secundidade e terceiridade. Segundo Santaella (2004), nos seus escritos iniciais, Peirce considera o interpretante lógico como um conceito, mas em 1907 ao aprofundar o pragmatismo, o filósofo associa o interpretante lógico à conduta deliberada. Em suas palavras:

[...] faz parte do interpretante lógico, concebido como hábito, regular e governar ocorrências particulares, pois ele carrega alguma implicação concernente ao comportamento geral de algum ser consciente, transmitindo mais do que um sentimento e mais do que um fato existencial, quer dizer, transmitindo o “seria” e o “faria” do comportamento habitual. Ora, só o hábito é capaz dessa real continuidade, não apenas porque ele pode ser exercido em várias ocasiões, mas porque regula os eventos que ocorrem sob seu governo. Enquanto os eventos existentes são descontínuos, transitórios, o hábito é continuidade, garantia de que os particulares irão repetir-se de acordo com certa regularidade. (SANTAELLA, 2004, p. 80).

De acordo com Colapietro (2004), o pragmatismo de Peirce é frequentemente associado à teoria do significado. No entanto, é necessário cautela ao fazer tal associação, pois houve uma evolução em sua teoria do pragmatismo, muitas vezes, seu pragmatismo associa-se a heurística que visa um esclarecimento conceitual. Mas ainda assim, para Colapietro (2004), a explicação semiótica e formal do pragmatismo apresentado por Peirce, possibilita uma compreensão meticulosa dos intérpretes, principalmente aqueles que se referem ao desenvolvimento de hábitos, como é o caso do interpretante lógico. Assim, a explicação dos significados está alicerçada na semiótica (teoria geral dos signos), Colapietro (2004) dá ênfase a máxima pragmática como uma percepção de significado

como a função ou motivação dos hábitos, que está desenvolvida na sua teoria dos interpretantes.

Nesse contexto, cabe ressaltar que na transmissão de informação presente na mediação, há uma infinidade de interpretantes que resultam em significações que afetam diretamente o processo de mediação.

Na próxima seção, pretende-se refletir sobre a interação desses interpretantes para a compreensão da realidade que se estrutura a partir de processos informacionais.

#### **4 MEDIAÇÃO DA INFORMAÇÃO PARA MEDIAÇÃO DA REALIDADE: INTERAÇÃO DE INTERPRETANTES**

A mediação da informação propõe atividades direcionadas não só ao acesso e à recuperação da informação, mas também ao processo de aprendizagem e desenvolvimento do conhecimento. Por um lado, exerce um constante contato com recursos da organização e da representação da informação; por outro, possibilita a democratização da informação, como também atua na atualização e na construção do conhecimento.

Nessa linha, destaca-se o papel do mediador, o qual exerce um papel importante na interação, já que também assume o papel de curador, pois é ele quem, muitas vezes, acaba selecionando as informações, bem como os procedimentos para facilitar a compreensão do usuário. Diante disso, o profissional da informação que exerce o papel de mediador deve ser bem-preparado para atender a demanda e não permitir que suas crenças e ideologias interfiram na interação com o usuário a ponto de estabelecer vieses ideológicos acima da veracidade dos fatos, dos eventos, dos objetos, ou seja, que as escolhas das informações aplicadas na intervenção sejam competentes no sentido de buscar sempre o aperfeiçoamento e o alinhamento da experiência com a realidade.

Desse modo, o mediador é qualquer profissional que atue entre a informação, o usuário e proponha reflexão, como “um professor, um padre, um pastor, um escritor, um jornalista, um apresentador de televisão ou rádio, um bibliotecário, um crítico de cinema, entre outros” (ALMEIDA JÚNIOR; SANTOS NETO, 2014, p. 100-101).

Um processo de interação pressupõe no mínimo a presença de duas pessoas, assim a mediação da informação será efetiva na presença de um profissional e de alguém que busca por informações, seja para recuperar a fonte da informação, seja para obter algum tipo de intervenção frente à compreensão da informação solicitada. Para essa segunda situação, o mediador assume um papel com a potencialidade de ser um transformador.

É importante evidenciar, neste cenário, que a mediação da informação não se trata apenas de uma transmissão de mensagens, mas sim há uma intervenção efetiva para recuperar e explorar contextos históricos, culturais, sociais, além de debater sobre a maneira como esses elementos são estruturados ou são estruturantes.

Ademais, os usuários não são passivos, simples receptores de informação, pois há uma interação social e cognitiva constante, fundamentada na alteridade e na parcimônia. Dessa maneira, as pessoas presentes nessa interação são sujeitos de seu conhecimento e assumem papel ativo na seleção, na organização e na reflexão acerca das informações apontadas.

Além disso, a mediação pressupõe que “toda a ação de interferência realizada por profissionais da informação cujo objetivo é aproximar sujeitos e registros de informação, processo que ao cabo tem por fim a produção de sentidos e a satisfação de necessidades informacionais” (ALMEIDA JÚNIOR, 2004, 2007, 2008, 2009), somado a isso, também é possível destacar que “o caráter processual da construção de significados adjacentes aos procedimentos informacionais - que não se dá de forma imediata, mas apenas por processo onde atuam diversas intervenientes: materiais, técnicas, simbólicas, cognitivas” (MARTINS, 2019, p. 5).

Além disso, a mediação da informação estabelece o elo social, sendo este entendido como “ato constitutivo dos processos de construção de sentidos e instância produtora de significação” (MARTINS, 2019, p. 5).

Além disso, a mediação da informação é constituída sob a base da dialética, seja no desenvolvimento do pensamento, como também na aplicação de material, os quais designam a relação entre a informação e a indústria e como esses aspectos interferem na cultura e na representatividade. Esses fatores possibilitam à mediação da informação atuar sobre os processos sociais, políticos, culturais, científicos que estão presentes nas discussões acerca dos fundamentos ideológicos que circundam a informação.

Nesse sentido, a fundamentação proposta pela mediação perpassa por procedimentos pedagógicos, métodos de construção do conhecimento e organização da informação. Outrossim, há também a construção de um ambiente em que suas práticas e conceitos são sistematizados a fim de que os profissionais sejam orientados acerca dos procedimentos na atuação frente aos cenários informacionais, educacionais, econômicos, políticos e institucionais. Ainda, é preciso haver a finalidade em se definir e sistematizar os seres, no sentido ontológico, que serão objetos de conhecimento nas interações nos ambientes de mediação.

Frente a esses aspectos complexos, técnicos e teóricos que atuam nas adjacências da mediação da informação, é preciso destacar que a mediação é procedimento e resultado de uma interação entre indivíduos que estão em níveis diferentes de experiência em relação ao conhecimento frente ao objeto e frente à realidade, ou seja, “o bibliotecário como protagonista idealiza na mediação da informação as condições significativas a fim de se potencializar a interatividade com o usuário para ampliar as experiências recíprocas aos recursos informacionais” (PRADO; SANTOS, 2020, p. 8). Além disso, “esse profissional opera a mediação de forma implícita e/ou explícita para satisfazer as necessidades informacionais de seus usuários, que se encontram inseridos em recortes sociais” (PRADO; SANTOS, 2020, p. 8).

A mediação é um processo de atualização do conhecimento, o qual gera novas experiências, visto que “o acesso à informação comumente provoca incertezas e dúvidas no sujeito e, com isso, novas necessidades que exigem reformulações de estratégias da mediação da informação” (PRADO; SANTOS, 2020, p. 9).

Neste ponto, é possível aproximar a fundamentação teórica-epistemológica da mediação da informação com a teoria dos signos, isto é, a semiótica de C. S. Peirce, embora haja conflitos epistemológicos nos moldes de representação do objeto, pois o que importa nesta discussão é a mediação e a atuação mediadora em vista dos processos cognitivos.

A mediação da informação pode ser correlacionada diretamente às classes do interpretante, desenvolvidas pela teoria da semiótica peirceana, pois a mediação é fundamentada na construção de hipóteses iniciais, as quais devem ser confrontadas com conhecimentos já estabilizados pelos campos de conhecimento, o que pode ser conduzido a uma configuração de conduta, do devir verificado pela aplicação do pragmatismo, e, a partir disso, direcionar para as necessidades informacionais dos usuários, os quais buscam soluções para suas dúvidas, as quais se finalizam com a constituição de hábitos mentais.

Desse modo, Peirce destaca a construção de inferência decorrente do raciocínio lógico, marcada pela abdução: “processo de formação de uma hipótese explanatória. É a única operação lógica que apresenta uma ideia nova”; pela dedução: que “prova que algo deve ser”; e pela indução: que “mostra que alguma coisa é realmente operativa” (PEIRCE, 2017, p. 220).

Tais elementos demonstram a importância da construção de proposições que se relacionam para constituir atribuições semânticas à informação, desse modo podendo proporcionar contribuições à mediação da informação, já que processos de interação e

aprendizagem preveem esses três estágios de raciocínio para efetivar sua atuação, assim cada estágio de raciocínio promove uma cognição sobre outra cognição, buscando a terceiridade, como aponta Peirce, por conseguinte um signo sobre outro signo que efetivará uma semiose, implicando na formação de um hábito mental.

Assim sendo, reconhece-se a atuação de signos da classe do interpretante, os quais podem ser designados como signos de possibilidade, signos de fato e signos da razão. É evidente que a mediação da informação, em seu estágio inicial, desenvolve-se através da possibilidade, porém é a partir dos fatos que se constrói a informação, chegando ao conhecimento através da razão.

Por sua vez, o signo de fato, presente na tricotomia do interpretante, também é denominado de dicente ou dicissigno, e atua como processo fundamental na mediação. Desse modo, o interpretante é um tipo de signo que está relacionado à tricotomia do signo: *representamen*, objeto e interpretante.

O objeto, por sua parte, é um signo que atua para a representação da realidade, o qual afeta o interpretante e, assim, estabelece um hábito. Diante disso, a mediação da informação se baseia em signos que representam a realidade na constituição de informações que se aplicam para mediar uma interação entre dois interpretantes de estágios de experiências diferentes cuja intenção é mediar a significação, o hábito e a conduta, os quais são acionados pela própria interação somado à organização do conhecimento decorrente de um domínio para estabelecer um processo de validação e de direcionamento das ações no devir.

Nessa linha, destaca-se que “um Dicente é um signo que, para seu Interpretante, é um signo de existência concreta” (SILVEIRA, 2007, p. 81). Com isso, entende-se que “todo signo que será caracterizado como Dicissigno será passível de julgamento que o considere verdadeiro ou falso quanto à representação do objeto” (SILVEIRA, 2007, p. 82). Ademais, o dicissigno é “o tipo de signo que veicula informação”, além de “professar referência ou relato a algo como tendo um ser real independentemente de sua representação como tal” (PEIRCE, 2017, p. 77). Somado a isso, “a complexidade do Dicissigno faz com que este envolva, em sua estruturação, três componentes: dois signos e sua sintaxe” (SILVEIRA, 2007, p. 83).

Sobre esses dois signos, o Dicissigno pode ser visto como contendo duas partes. A primeira pode ser designada de sujeito, o qual é “uma Secundidade e, conseqüentemente, deve ser um Índice ao qual poderá ser atribuído um predicado, e será sobre ele que o Dicissigno oferecerá informação” (SILVEIRA, 2007, p. 84). A segunda é vista como

predicado, o qual evidencia a qualidade, “deve ser representado por um Ícone, atribuível ao sujeito” (SILVEIRA, 2007, p. 84).

Esses fatores aplicados à mediação da informação evidenciam a própria elaboração da informação, que é decorrente dos elementos que a compõem, ou seja, a mediação é evidenciada pela intervenção do profissional e como este seleciona os temas, os conceitos e os fundamentos que direcionam a construção da informação, portanto “a mediação da informação está diretamente relacionada com a capacidade de o profissional empreender estruturas acolhedoras que são representadas nas minúcias da sua atuação e no seu protagonismo social” (PRADO; SANTOS, 2020, p. 11).

Além disso, os interpretantes também se dividem em imediato “o grau de interpretabilidade do signo, aquilo que ele está apto a produzir numa mente interpretadora” (SANTAELLA, 2004, p. 191). Aplicando esse conceito na interação entre profissional da informação e usuário, pode-se reconhecer que muitas vezes quando o usuário demonstra uma necessidade de informação e procura por um sistema informacional, o conhecimento que este possui sobre o assunto é equivalente ao estágio do interpretante imediato.

Por sua vez, há também o interpretante dinâmico, o qual é “o efeito que o signo realmente produz numa mente singular, ao ser por ela interpretado” (SANTAELLA, 2004, p. 191). Nesse aspecto, qualquer indivíduo que participar da interação pode apresentar esse tipo de interpretante, pois está relacionado ao nível de experiência e conhecimento que se tem do objeto ou da realidade, no entanto é esperado que o profissional da mediação possua níveis de experiências elevadas em relação ao usuário, ao menos em relação a aplicação do sistema informacional ou do objeto informacional utilizados para a representação e organização da informação.

Ainda, deve-se destacar o interpretante final, ou seja, “aquilo que o signo produziria em qualquer mente, caso seu exame fosse levado suficientemente longe” (SANTAELLA, 2004, p. 191). Esse tipo de interpretante é visto como um contínuo na filosofia de Peirce, estaria atrelado ao devir e à possibilidade de atualização dos signos, decorrente às semioses, como também presente na possível atualização do hábito.

No contexto da mediação da informação, esse tipo de interpretante estaria presente na mente do mediador, por se tratar de um profissional preparado sobre os assuntos, temas e conceitos pertinentes a um domínio, além de enxergar os entraves e as possibilidades da aplicação da informação em diferentes contextos, entretanto o conhecimento do próprio mediador está em constante atualização, pois é possível

promover mais experiências em relação ao objeto, portanto prevalece a atuação do interpretante dinâmico, visto que “os signos são a matéria do pensamento, o diálogo sua forma, uma forma básica, geral, que abraça toda a força da imaginação e todas as formas de pensamento crítico” (SANTAELLA, 2004, p. 192).

Na concepção de Santaella (2004), a mediação da informação ocorre em secundidade, pois se efetiva a partir da interação, da alteridade, do confronto, cujo objetivo é alcançar o conhecimento, em sua terceiridade, por isso se aplica o símbolo, elemento da terceiridade na tricotomia do objeto, devido seu poder de apelar a uma mente, a qual proporciona uma referência ao interpretante em secundidade na intenção de alcançar a terceiridade do interpretante, como um argumento.

Sendo assim, entende-se que a mediação da informação depende da premissa sobre um objeto, sobre o qual ocorre a interação. Esta possibilita a construção da informação, que aprofunda a aplicação do conceito e estabelece sua relação com outros conceitos, à base de raciocínio lógico, que permite o estabelecimento de argumentos. Os argumentos apresentados são resultados dessa interação, ou melhor, resultados de experiências decorrentes dessa interação, as quais atuam no interpretante dinâmico, assim promovendo semiose e atualizando o hábito mental.

Importante destacar que, por mais que a semiótica e a teoria dos interpretantes direcionam uma discussão sobre a mediação da informação em um cenário cognitivo, há também a influência dos aspectos sociais inseridos nesse processo de conhecimento, pois a atualização do interpretante dinâmico é decorrente das informações presentes nos aspectos históricos, sociais, culturais, políticos e científicos.

Somado a isso, as bases da informação construídas por um signo dicente amplia o fluxo informacional, a partir da relação sujeito e predicado, sendo que ícones, índices e símbolos, relacionados ao objeto, são oriundos de objetos de diversos campos do conhecimento, assim os juízos de percepção das mentes envolvidas na mediação são capazes de percebê-los, debater-lhes, refletir-lhes, captá-los e uni-los na sistematização de uma terceiridade.

Desse modo, há “leis de evolução do pensamento”, que possibilita “condições de transmissão de significado dos signos de uma mente a outra, e de um estado mental a outro”, assim “não há passagem de um signo para o interpretante sem que leis ou regras sejam atualizadas” (SANTAELLA, 2004, p. 198).

Nessa linha, “os interpretantes finais possuem propósitos voltados para produzir uma ação, por isso podem ser chamados de práticos, estão relacionados a ações coletivas

mais complexas, assim sendo voltado para a direção da conduta” (SANTAELLA, 2004). Somado a isso, “quando temos de exercer autocontrole deliberado sobre hábitos e crenças, é o interpretante pragmático que entra em cena” (SANTAELLA, 2004, p. 205).

No processo de mediação da informação, o mediador deve despertar esse autocontrole deliberado e ensinar o usuário a proceder, ou seja, o usuário deve aprender a ter autonomia para acessar a informação e administrar a aplicabilidade do conhecimento, decorrente à conduta pertinente às informações compartilhadas durante as interações. Durante a mediação, em linhas semióticas, tem-se que a mudança de um hábito de pensamento é a mudança de uma conduta, portanto “se o propósito que o signo visa atingir é a mudança de um hábito - mudança, de resto, que só pode ser efetuada pelo autocontrole crítico deliberado que exercemos sobre uma crença” a direção desse signo será pragmática (SANTAELLA, 2004, p. 205).

Por hábito, entende-se ser “um atributo da mente que envolve a ideia de crescimento e generalização e apresenta, na ótica peirciana, um duplo aspecto: de um lado ele estabelece novas feições estruturais de conduta e, por outro, fá-las em harmonia com a morfologia geral” (IBRI, 2020, p. 182). Nessa perspectiva, a mediação da informação prevê crescimento e intervenção, os quais são orientados por conceitos. Assim, “toda nossa linguagem cognitiva é constituída por conceitos gerais e, estes, de sua vez, à luz do vocabulário realista de Peirce, tem em sua condição de possibilidade de hábitos de conduta do objeto” (IBRI, 2020, p. 90).

Ademais, “a nomeação dos objetos do mundo é, na verdade, nomeação da classe de predicados gerais a que eles pertencem”, visto que “esses predicados que partilham por semelhança de conduta, constituindo aqueles símbolos que medeiam nossa relação com a realidade” (IBRI, 2020, p. 90). Outrossim, “as mediações operam cognitivamente, a saber, prevendo a conduta futura do objeto, de tal modo que possamos assim planejar que conduta adotar para atingir nossos fins” (IBRI, 2020, p. 90).

Desse modo, por mais que a mediação seja pontuada inicialmente pela desordem, pela alteridade e pelo conflito, a linguagem e o pensamento organizam os fenômenos, para tal fator é preciso que a mente que medeia esteja na terceiridade acerca dos conceitos que fundamentam o domínio em questão e, assim, apresente leis ou hábitos que orientem a conduta e permitam novas hipóteses a fim de que os aspectos sociais, históricos, culturais, políticos e científicos contribuam para a evolução, para o contínuo e para o devir.

No entanto, os próprios sujeitos inseridos nessa mediação precisam estabelecer critérios de verificação da informação produzida a qual correlacionada a outras

informações visa a estabelecer o hábito consoante as premissas do próprio domínio, ou seja, o mediador além de proporcionar o acesso à informação, deve também corrigir a atualização do interpretante a fim de atualizar corretamente o hábito do usuário.

Dessa forma, a intervenção do mediador decorrente à interação com o usuário precisa para este constituir uma lei, pois “acreditar numa lei é acreditar que ela funcionará, que nós podemos produzir raciocínios válidos sobre eventos futuros”, por isso a importância de estabelecer “normas críticas ou princípios-guias da lógica, capazes de produzir o hábito de um autocontrole ou autocrítica deliberada, que é o propósito pragmático” (SANTAELLA, 2004, p. 206).

Assim, o pragmatismo peirceana, fundamental para a validação dos hábitos que se formam decorrentes dos interpretantes, propõe “um princípio de significação que depende do modo como fenomenologicamente os conceitos, e tudo o que é de sua natureza, aparecerem na experiência”, além disso podem ser interpretados pelos signos interpretantes da teoria da semiótica peirceana, pois “há nestes a possibilidade de se identificar significações que não são exclusivas da rede lógica da linguagem, mas podem ser buscadas diretamente na experiência” (IBRI, 2020, p. 25).

Ademais, “o termo prático tem vínculo com conduta e que essa não pode ser reduzida à instância particular de mera ação, mas a algo que a generaliza e, portanto, depende de sua observação espaço temporal” (IBRI, 2020, p. 24). Fator que evidencia que a mediação não deve ser particular ou subjetiva, mas sim fundamentada por procedimentos generalizados, que evidenciem a terceiridade, visto que “a máxima do pragmatismo é entendida como vinculante do significado dos conceitos à afecção da conduta que eles induzem” (IBRI, 2020, p. 24).

Em síntese, a mediação da informação já possui um arcabouço de teorias e práticas que conduzem sua aplicação e debates sobre avanços e ajustamentos, entretanto entende-se que a teoria da semiótica peirceana, explorando os fundamentos das classes dos interpretante possa corroborar a novas perspectivas no desenvolvimento dos conceitos e das práticas, pois a semiótica pode contribuir na observação da significação presente ao longo do ato de mediação, já que se espera haver um processo de transformação à base da informação, ou seja, uma incidência de semiose através de processos cognitivos que constituem a atualização do hábito e a verificação da conduta decorrente da aplicação do pragmatismo.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Iniciamos este artigo apresentando os eixos que envolvem as complexas relações de mediação, apontamos a importância da mediação da informação nos sistemas de organização, representação e armazenamento de informação. Argumentamos sobre o papel do profissional da informação responsável pela mediação, principalmente no que se refere à condução dos usuários de informação em relação a fontes éticas e objetivas de informação.

Destacamos na teoria semiótica peirceana as bases da teoria dos interpretantes, que apontam como a transmissão da forma de um objeto possibilitam um efeito no intérprete, efeito muitas vezes passível de verificação de informação, é elemento fundamental e constitutivo de um hábito. Aprofundamos os desdobramentos que tais interpretantes presentes no processo contínuo de interação, responsáveis pela construção do conhecimento desempenham na mediação da informação.

Entendemos que na mediação da informação, o profissional responsável necessita deliberar e auxiliar o usuário em relação à conduta que este virá a ter a partir da informação recebida, produzida e compartilhada. No entanto, é importante reforçar que pelo processo de mediação, muitas vezes, ser imerso de interpretantes emocionais e energéticos, a conduta nem sempre é deliberada e ocorre de maneira mecânica e instrumental. Dessa forma, juízos de valor de agentes que participam do processo de mediação devem ser capazes de captar, perceber, refletir e sistematizar a informação, buscando conceituar e intervir, rompendo com hábitos cristalizados. Entendemos que a compreensão e aplicação de conceitos da semiótica peirceana são fundamentais para que a semiose presente na mediação possa se efetivar e dar continuidade ao processo de transformação da informação em significado e ação.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, C. C. de. A semiótica na Ciência da Informação brasileira. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, v. 9, n. 2, 2016.

ALMEIDA JÚNIOR, O. F. Mediação da informação e múltiplas linguagens. **Tendências da pesquisa brasileira em ciência da informação**, v. 2, n. 1, 2009.

ALMEIDA JÚNIOR, O. F.; SANTOS NETO, J. A. D. Mediação da informação e a organização do conhecimento: interrelações. **Informação & Informação**, v. 19, n. 2, p. 98-116, 2014. DOI: 10.5433/1981-8920.2014v19n2p98. Acesso em: 17 abr. 2022.

ARRUDA, M. I. M; OLIVEIRA, H. V. Um olhar sobre a evolução do conceito de mediação na Ciência da Informação. **Revista Ibero-americana de Ciência da Informação**, Brasília, v. 10, n. 1, p. 218-232, 2017.

COLAPIETRO, V. Os Caminhos do Significado: Reflexões sobre a Teoria dos Interpretantes de Peirce. **Cognitio: Revista de Filosofia**, [S. l.], v. 5, n. 1, p. 11-27, 2013. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/cognitiofilosofia/article/view/13206>. Acesso em: 17 abr. 2022.

FACHIN, Juliana. Mediação da informação na sociedade do conhecimento. **Biblos: Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação**, v. 27, n. 1, p. 25-41, jan./jun. 2013.

FRIEDMAN, A; THELLEFSEN, M. Concept theory and semiotics in knowledge organization. **Journal of documentation**, 2011.

GOMES, Henriette Ferreira. Mediação da informação e suas dimensões dialógica, estética, formativa, ética e política: um fundamento da Ciência da Informação em favor do protagonismo social. **Informação & Sociedade: Estudos**, v. 30, n. 4, p. 1-23, 2020.

GONZALEZ, M. E. Q; NASCIMENTO, T. C. A; HASELAGER, W. F. G. Informação e conhecimento: notas para uma taxonomia da informação. *In*: FERREIRA, A; GONZALEZ, M. E. Q.; COELHO, J. G. (ed.). **Encontros com as Ciências Cognitivas**, Volume 4. São Paulo: Coleção Estudos Cognitivos, p. 195-220, 2004.

IBRI, I. A. **Semiótica e pragmatismo: interfaces teóricas**: vol I. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2020.

IZQUIERDO ARROYO, J. M. **Esquemas de linguística documental**. PPU, 1990.

JAPIASSÚ, P.; MARCONDES, D. **Dicionário Básico de Filosofia** (3. ed.). 2001.

JOVANOVICH, E. M. da S; CAVALCANTE, L. E. A mediação da informação no âmbito da ciência da informação e da Ciência do Direito: pontos de aproximação. **Biblionline**, João Pessoa, v. 16, n. 3/4, p. 49-6, 2020.

LARA, M. L. G. de. Algumas contribuições da semiologia e da semiótica para a análise das linguagens documentárias. **Ciência da Informação**, v. 22, n. 3, 1993

MARTINS, A. A. L. Em torno da mediação: contribuições para fundamentação teórico-epistemológica da categoria nos estudos da informação. **Ciência da Informação em Revista**, v. 6, n. 1, p. 4-19, 2019. DOI: 10.28998/cirev.2019v6n1a Acesso em: 17 abr. 2022.

MOURA, M. A. Ciência da informação e semiótica: conexão de saberes. **Encontros Bibli: revista eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, p. 1-17, 2006.

PEIRCE, C. S. **Semiótica**. Trad. José Teixeira Coelho Neto. São Paulo: Perspectiva, 2017.

PEIRCE, C. S. **Collected Papers of Charles Sanders Peirce**. Ed. C. Hartshorne, P. Weiss e A. W. Burks. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1931-1958. 8 v.

PEIRCE, C. S. **The Charles S. Peirce Papers**. 32 microfilm reels of the manuscripts kept in the Houghton Library of Harvard University. Photographic Service. Cambridge, MA: Harvard University Library, 1966. [Citado como MS seguido pelo número de referência do manuscrito e página].

PEIRCE, C. S. **Escritos coligidos**. Trad. de Armando Mora D'Oliveira e Sérgio Pomerangblum. 3. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

PRADO, M. A. R.; SANTOS, D. S. V. D. Vertentes propositivas para a mediação da informação. *Convergência em Ciência da Informação*, v. 3 n. 1, n. 1, p. 2-24, 2020. DOI: [10.33467/conci.v3i1.12890](https://doi.org/10.33467/conci.v3i1.12890) Acesso em: 17 abr. 2022.

SANTAELLA, L. **O método anticartesiano de C. S. Peirce**. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

SANTAELLA, L. O papel na mudança de hábito do pragmatismo evolucionista de Peirce. *Cognitio*, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 75-83, jan./jun. 2004.

SANTAELLA, L. **Semiótica Aplicada**. São Paulo: Cengage Learning, 2008.

SANTAELLA, L.; NÖTH, W. **Introdução à semiótica**: passo a passo para compreender os signos e a significação. São Paulo: Paulus, 2017.

SILVA, F. S. da; NUNES, J. V.; CAVALCANTE, L. E. O conceito de mediação na Ciência da Informação brasileira: uma análise a partir da BRAPCI. *Brazilian Journal of Information Science: research trends*, v. 12, n. 2, 2018.

SILVEIRA, L. F. B. **Curso de Semiótica Geral**. São Paulo: Quartier Latin, 2007.

WAAL, C. **Sobre pragmatismo**. Trad. de Cassiano Terra Rodrigues. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

WEST, D. E. Perfectividade no interpretante energético de Peirce. *Cognitio: Revista de Filosofia*, [S. l.], v. 21, n. 1, p. 152-164, 2020. DOI: [10.23925/2316-5278.2020v21i1p152-164](https://doi.org/10.23925/2316-5278.2020v21i1p152-164). Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/cognitiofilosofia/article/view/47836>. Acesso em: 17 abr. 2022.